

A remitologização da psique: de Freud a Jung

Remythologizing of psyche: from Freud to Jung

Carlos Velázquez Rueda¹
Juscineyla Moreira Bonfim²

Resumo

Neste artigo buscamos de forma introdutória mostrar o redescobrimto do mito como uma condição atuante nos processos simbólicos inconscientes. Para tanto, realizamos uma indução analítica com base na revisão de literatura, utilizando textos teóricos e artigos acadêmicos cujo referencial é a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Partindo da psicanálise freudiana, abordamos a teoria da psicologia analítica de Jung por considerar que nesta, a mitologia adquire um papel profundamente mais atuante devido aos conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo e individuação. O processo de individuação é uma reorganização do ser humano a partir de uma regressão do ego em busca da totalidade do si-mesmo. Este processo apresentasse de forma análoga a uma das funções predominantes do mito, cuja ação é desempenhada principalmente através dos ritos na intenção de proporcionar uma renovação periódica do mundo. No caso da Individuação, através de imagens e símbolos que brotam do inconsciente poderíamos nos deparar com uma possibilidade de reintegração de um estado primordial que acarretaria em uma recriação da integridade psíquica. Intercalamos os conceitos junguianos com o pensamento do historiador das religiões Mircea Eliade que considera símbolo, mito e imagem como pertencentes à substância da vida espiritual e entende o pensamento simbólico como inerente ao ser humano e capaz de revelar as mais secretas modalidades do ser. O pensamento simbólico precede a linguagem e a razão discursiva, sua desvalorização implica na desvalorização do inconsciente e da realidade subjetiva da psique. Reduzir uma imagem a uma terminologia concreta é uma mutilação e somente através do estudo das múltiplas significações das imagens é que poderemos redescobrir a mitologia escondida na vida do homem moderno.

Palavras-chave: Mito. Símbolo. Inconsciente. Édipo.

¹ Doutor em música antiga pelo Conservatório Nacional de Rancy, França. Coordenador do Movimento Investigativo Transdisciplinar do Homem – MITHO - UNIFOR.

² Graduanda em Psicologia pela UNIFOR (Universidade de Fortaleza). Bolsista PROBIC do grupo de pesquisa MITHO – UNIFOR.

Contatos: caveru@unifor.br; neylamoreira@gmail.com

Abstract

This article attempts in an introductory way to show the rediscovery of myth as an active symbolic processes of unconscious. Thus, we performed an analytical induction based on literature review, using theoretical texts and academic articles whose reference is the analytical psychology of Carl Gustav Jung. Departing from Freudian psychoanalysis, we address the theory of analytical psychology of Jung, considering that in Jung's psychology mythology got a profoundly more active role because the concepts of archetype, collective unconscious and individuation. The process of individuation is a reorganization of the human being from a regression of the ego in its search for Self totality. This process can be verified in an analogous way to one of the predominant functions of myth form, whose action is performed mainly through rites with the intention of providing a periodic renewal of the world. In the case of individuation, through images and symbols that spring from the unconscious we could come up with an opportunity for reinstatement of a primordial state which would result in a recreation of psychic integrity. We alternate Jungian concepts with the thought of the history of religions theorist Mircea Eliade who considers symbol, myth and image as belonging to the substance of the spiritual life and understands the symbolic thinking as inherent to human and capable of revealing the most secret forms of being a self. The symbolic thought precedes language and discursive reason; its devaluation implies the devaluation of the unconscious and the subjective reality of the psyche. Reduce an image to a specific terminology is a mutilation and only by studying the multiple meanings of the images we can rediscover the hidden mythology in the life of modern man.

Keywords: Myth. Symbol. Unconscious. Oedipus.

Introdução

A mitologia sofreu um extremo processo de degradação, da antiguidade clássica ao mundo moderno. Os mitos, que antes eram reverenciados e tinham um papel essencial nas culturas antigas, passaram a ser sinônimo de história inventada e até mesmo mentira na modernidade.

Os estudos antropológicos, inicialmente, mantinham uma visão eurocêntrica e evolucionista sobre os outros povos e culturas, considerando-as como primitivas. Somente com a introdução do método etnográfico e a mudança do paradigma antropológico as variadas culturas passaram a ser estudadas em profundidade, percebendo-se então que elas nada tinham de primitivas, mas sim possuíam uma complexa rede de organizações e significações. A mitologia, antes reduzida a mera história fantasiosa, passou a ser um material fundamental para aqueles que tentavam entender as estruturas de diversas civilizações arcaicas.

Os escritos clínicos de Freud e Jung nos mostram como padrões ditos mitológicos continuam a moldar as manifestações humanas individuais e coletivas. A força do mito, que deita profundas raízes na alma humana, exterioriza-se em sonhos, devaneios, delírios, religiões, artes, imaginário e em todo tipo de invenções criativas que insurgem do mais profundo lugar do ser. O linguajar do inconsciente é o mito, ou seja, o inconsciente estrutura-se numa dimensão mítica e força nossa consciência a acolher imagens manifestas desse inconsciente. O mito tem a função de dizer o indizível através de um sentido metafórico, no qual uma coisa representa outra.

Eliade (1996) considera que o tesouro mítico foi laicizado e modernizado, mas sobrevive nos fluxos semiconscientes, podendo servir de ponto de partida para a renovação espiritual do homem moderno. Os mitos fazem parte do ser humano e é impossível não encontrá-los em qualquer existência humana. “Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los.” (ELIADE, 1996).

Este artigo tem por objetivo realizar uma reflexão introdutória em relação ao processo de valorização da mitologia como linguagem do inconsciente. Esse resgate teve como ponto de partida a psicanálise de Freud, mas, no presente trabalho, buscaremos nos concentrar nos desdobramentos feitos pela psicologia analítica de Jung, para quem “os mitos eram considerados como fenômenos psíquicos que revelam a natureza da psique e condensam as experiências milenares pelas quais os humanos passaram e ainda passam repetidamente” (GRINBERG, 2003, p. 162).

Mythos e Logos

No princípio, as narrativas míticas eram os pilares das sociedades ditas primitivas. Era o mundo regido pelo Mythos. Este, na antiguidade clássica, com o advento da filosofia, sofreu a oposição do Logos, o pensamento racional. À medida que a razão foi ganhando espaço, os mitos foram sendo submetidos a análises e se iniciou um processo de desmitização do mundo ocidental. O pensamento mítico sofreu uma depuração e dessacralização. Com o surgimento da escrita, as narrativas orais perderam força e o mito passou a fazer parte de

uma estrutura de verdades tradicionais, em que ele perdeu a sua genuinidade, posto que a forma escrita engessa o mito.

A linguagem mítica, então, foi substituída pelo discurso filosófico. Essa transformação é bem representada pelo mito do surgimento do oráculo de Delfos, narrado por Menard (1985, p. 30):

Na origem, a resposta do Deus, tal qual a davam os sacerdotes, era sempre formulada em versos; mas tendo tido um filósofo a idéia de perguntar por que o Deus da poesia se exprimia em maus versos, a ironia foi repetida por todos, e o Deus passou a falar somente em prosa, o que lhe aumentou o prestígio.

A tradição filosófica penetrou no campo do mito quando começou a estudar questões como a origem e ordem do mundo, passando a racionalizar e conceituar a narrativa mítica, procurando superá-la e afirmando que, do mito à lógica, havia uma evolução do espírito humano. Podemos hoje questionar essa concepção evolutiva, pois pensamentos míticos e conceituais podem coexistir numa mesma sociedade, sendo a predominância de um ou outro dependente das tendências pessoais, história de vida, sociedade e cultura. Mythos e Logos são antagônicos e ao mesmo tempo complementares, pois um interfere no outro (MORIN, 1986).

Ocorreu, então, uma mudança de paradigma. O mito deixou de ser explicação para o cotidiano e o cotidiano passou a explicar as construções míticas. O pensamento conceitual elaborado pelas ciências e filosofia passou a ser transformado em mito pela imaginação social. Isso demonstra a presença simultânea, ainda hoje, do pensamento conceitual e mítico em nossas sociedades.

De Freud a Jung

É mérito de Freud e sua psicanálise o primeiro reconhecimento da importância da mitologia em relação aos fenômenos psíquicos. Foi Freud que, ao se deparar com o mito de Édipo, o drama contado por Sófocles, recolocou o mundo humano e a família em uma dimensão mítica (KERÉNYI & HILLMAN, 1995). O complexo de Édipo assumiu um lugar central e universal na estruturação da psique. Nas palavras de Freud (1900, p. 261):

Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos... Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e

universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome.

O drama edipiano e inconsciente em que se instala uma situação triangular de desejo do filho em relação à mãe e ódio pela figura intromissora do pai fundamenta o conceito de neurose, tão importante para a psicanálise.

O psiquiatra suíço C. G. Jung (1875-1961), ao contrário, desliteralizou o desejo de incesto e o interpretou de forma simbólica, dando um significado para ele. Os desejos incestuosos seriam então sacrificados em função de uma maturidade psicológica, através de mecanismos internos, e não somente através de exigências exteriores, como no caso da ameaça de castração. Através da simbólica do incesto, apresentar-se-ia uma possibilidade de renovação.

Mircea Eliade (1996) considera que o complexo de Édipo, ou seja, a atração que o menino sente pela mãe, deve ser observado enquanto imagem. O que importa é a “Imagem da Mãe”, e não cada mãe por si, como queria Freud. É a imagem da mãe que revela diversas possibilidades e funções cosmológicas, antropológicas e psicológicas. Não basta traduzi-la de modo concreto, como fez Freud, e esvaziá-la de outros possíveis sentidos. Cai-se, desse modo, no erro de tentar esgotar o inesgotável e, nesse sentido, é mérito de Jung ter ultrapassado Freud ao resgatar um sentido espiritual para a Imagem.

Concretamente, a atração pela mãe seria interpretada como o desejo de possuir a própria mãe e nada além. Aí se encontra o grande engano de Freud, pois a sexualidade nunca foi pura e sempre teve função polivalente, sendo sua valência primeira a função cosmológica. Em toda parte, a sexualidade foi sempre uma hierofania; o ato sexual era uma forma de integração e um meio de conhecimento, o mundo moderno é que se apartou dessa função.

As imagens simbólicas são utilizadas pelo espírito como auxílio para alcançar a realidade profunda das coisas, aquilo que não é exprimível através de conceitos justamente por se apresentar de maneira contraditória (*coincidentia oppositorum*). Essa parte profunda é composta por um material anterior à História e tem caráter instintual. Deixar-se invadir por essa parte não quer dizer cair na animalidade, e sim voltar a um estado original de “paraíso perdido”, sair de uma vida historicamente condicionada e adentrar em um mundo infinitamente mais rico (ELIADE, 1996).

Eliade (1972) diz ainda que a psicanálise proporcionou um novo rumo para os estudos científicos dos primórdios. Enquanto as outras ciências insistem na precariedade do começo, a psicanálise chega à ideia de um começo beatífico de todo ser humano, a primeira infância, um tempo mítico e paradisíaco que é perdido após uma ruptura traumática. A consciência se formaria, então, a partir dessa situação primordial inconsciente, tendo o inconsciente um caráter mitológico e repleto de valores cósmicos. “A psicanálise elaborou técnicas capazes de nos revelar os *primórdios* de nossa história pessoal e, sobretudo, de identificar o evento preciso que pôs fim à beatitude da infância e decidiu a orientação futura de nossa existência.” (ELIADE, 1972, p. 59). Através de um *voltar atrás*, os acidentes traumáticos da primeira infância seriam revividos e dissipados, tendo esse processo função análoga aos rituais utilizados por xamãs de sociedades arcaicas em busca de recuperar uma alma perdida.

O rito é uma rememoração e uma reatualização dos eventos míticos essenciais ocorridos desde a criação. Um ritual tem a função de repetir a cosmogonia, “mergulhar na plenitude primordial; deixar-se penetrar pelas forças gigantescas que, *in illo tempore*, tornaram possível a criação” (ELIADE, 1972, p. 22).

Em sociedades xamânicas arcaicas, os mitos cosmogônicos eram recitados durante rituais de cura e iniciação. Ouvindo essas narrativas, o doente era inserido em um tempo primordial e sagrado, realizando uma volta às origens para assistir à cosmogonia e junto com ela se renovar. Uma das funções predominantes do mito é proporcionar uma renovação periódica do mundo. O retorno à origem como forma de abolição do tempo e reinício de uma nova existência é utilizado pela psicanálise no indivíduo moderno com o intuito de recuperar certas experiências *originais*.

Fica clara a semelhança entre o método psicanalítico e o uso das narrativas mítico-rituais pelas sociedades arcaicas. Ambos têm em comum a regressão à origem e a importância de se conhecer o princípio e a história de algo que se pretende dominar (ELIADE, 1972). Podemos então observar que a psicanálise é marcada por um padrão iniciático, segundo Mircea Eliade (1992, p. 100):

O paciente é convidado a descer muito profundamente em si mesmo, a fazer reviver seu passado, enfrentar de novo seus traumatismos, e, do ponto de vista formal, essa operação perigosa assemelha-se às descidas iniciáticas aos *infernos* entre os espectros e aos combates com os *monstros*. Assim como

o iniciado devia sair vitoriosamente das provas, em suma, *morrer e ressuscitar* para alcançar uma existência plenamente responsável e aberta aos valores espirituais, o analisando de nossos dias deve afrontar seu próprio *inconsciente*, assediado de espectros e monstros, pra encontrar nisso a saúde e a integridade psíquica, o mundo dos valores culturais.

Enquanto a consciência egoica opera pelo raciocínio causal e lógico, a consciência ampliada do inconsciente é essencialmente imagética, operando por analogia. Os opostos, consciente e inconsciente, relacionam-se principalmente por meio da imagem e da imaginação, com o símbolo realizando a mediação entre as várias antinomias, de forma a equilibrar a psique. Onde começa o pensamento analógico termina o pensamento em forma de linguagem (lógica) – os dois tipos possuem estruturas diferentes. Tentar interpretar os produtos do pensamento analógico (sonhos, imagens, fantasias e mitos) por meio do campo da lógica é provocar uma desvalorização dos símbolos e, conseqüentemente, introduzir um desequilíbrio na psique. Os símbolos fazem a conexão entre a consciência e o inconsciente, e este se expressa simbolicamente, tendo a consciência o papel de interpretá-lo (SERBENA, 2010).

Jung divergiu de Freud ao ampliar o conceito de libido, considerada uma energia de caráter exclusivamente sexual, para uma energia psíquica geral. O conceito de inconsciente se amplia para além da esfera pessoal, incluindo uma camada impessoal chamada de inconsciente coletivo, constituída de estruturas e imagens comuns a toda a humanidade (os arquétipos) que se manifestam nos sonhos, mitos, religiões e contos de fada. A concepção de psique é ampliada ao incluir uma esfera coletiva e transcendente, não existindo somente uma consciência egoica, mas também uma consciência ampliada relativa à totalidade dos processos inconscientes e arquetípicos (SERBENA, 2010).

A ruptura definitiva entre Freud e Jung se deu quando este lançou o livro *Símbolos da Transformação*, em que apresentou suas novas visões sobre o conceito de libido e introduziu o mito do herói solar e sua luta para se diferenciar do mundo matriarcal inconsciente como fundamental para o processo de desenvolvimento psíquico, o qual denominou de individuação. Mesmo assim, na abertura do livro, Jung reconhece o mérito de Freud em reacender a chama dos mitos em sua relação com a psique:

Qualquer um que leia *Interpretação dos Sonhos de Freud*... (e) permita que este extraordinário livro reverbere calmamente

e sem preconceitos em sua imaginação não deixará de se impressionar profundamente no momento em que Freud nos alerta de que um conflito individual, que ele chama de fantasia do incesto, está na base daquele tema monumental do mundo antigo, a lenda de Édipo... repentinamente entrevemos a simplicidade e a grandiosidade da tragédia de Édipo, este ponto alto perene do teatro grego. Essa ampliação de nossa perspectiva é algo como uma revelação... quando seguimos a senda traçada por Freud... então o abismo que separa nossa época da antiguidade é transposto e, surpresos, damos conta de que Édipo ainda está vivo para nós... Esta verdade abre um caminho para uma compreensão do espírito clássico como jamais foi possível antes... Ao penetrar nas passagens subterrâneas proibidas de nossas próprias psiques alcançamos o significado vivo da civilização clássica e, ao mesmo tempo, ...uma compreensão objetiva de (nossas próprias) fundações. É esta ao menos a esperança que encontramos na redescoberta da imortalidade do problema edípico. (JUNG, 1999)

Mitologia e Psicologia analítica

Assim como para a psicanálise, a mitologia também tem um papel fundamental para a psicologia analítica. A partir da observação de material mitológico nas psicoses, Jung propõe a teoria do inconsciente coletivo e dos arquétipos, bem como questiona o problema da libido exclusivamente sexual. Para ele, a dinâmica sexual é só uma das instâncias particulares na totalidade da psique, e a energia psíquica existente em estado potencial manifesta-se de várias formas. Lembrando que a esquizofrenia é a psicopatologia que fundamenta a teoria da psicologia analítica junguiana. Foi nos delírios psicóticos que Jung percebeu a incidência dos mitolemas (GRINBERG, 2003).

Os arquétipos são estruturas de imagens e comportamentos relativos a situações típicas, funcionando como uma sabedoria instintiva e automática (JUNG, 1924/1986). Do ponto de vista arquetípico, os mitos do herói são basilares para o entendimento da organização da consciência. O arquétipo do herói estaria no núcleo do complexo egoico, com o ego agindo como intermediador entre o mundo externo e a realidade interna. A jornada começa pelo ego e regressa até o interior do sujeito, onde encontra as estruturas coletivas ricas em energia psíquica. Com relação ao processo de individuação, o herói

representa simbolicamente o movimento da energia psíquica no eixo ego-*self* e mostra o triunfo da consciência sobre as forças aprisionadoras do inconsciente. Ao vencer os monstros que representam o turbilhão de emoções inconscientes, o herói adquire algum conhecimento e renasce para enfrentar novos desafios em busca de sua autonomia e individuação.

Os ciclos heroicos estendem-se continuamente. Em cada fase, a história do herói toma formas particulares que condizem com o ponto de desenvolvimento alcançado pelo indivíduo. No livro *O Homem e seus Símbolos*, organizado por Jung, é abordado o estudo realizado por Paul Radin (1883-1959), intitulado “O ciclo heróico dos Winnebagos”. Radin identificou quatro ciclos de evolução dos heróis Winnebagos, os quais apresentamos de forma resumida: Trickster (brincalhão e impulsivo), Hare (civilizador e salvador), Red Horn (forte e com poderes sobre-humanos) e Twins (gêmeos: um conciliador, outro dinâmico). Cada um corresponderia aos esforços empreendidos por nós, humanos, para vencer cada uma das etapas do nosso crescimento biológico. Esses esquemas servem de fundamento tanto para os mitos históricos quanto para os dramas do homem contemporâneo (HENDERSON, 2001).

Podemos notar a continuidade cíclica do mito desde o conceito mais primitivo do herói (Trickster) até o mais elaborado (Twins). No último ciclo, o grande desafio é a conquista do equilíbrio entre os dois lados da natureza humana – essa é a tarefa que alcançamos quando estamos completamente maduros.

A busca da totalidade (si-mesmo) realiza-se através da transformação do ego (regressão), como também na realização de tarefas no mundo exterior (progressão). Os símbolos envolvidos no processo são transformados até atingir uma amplitude que liga o sujeito ao cosmos.

Nesse sentido, Jung considera a regressão do ego ao “útero” do inconsciente um incesto psicológico, uma etapa necessária para o crescimento e desenvolvimento psíquicos. Acaba, assim, aproximando-se do pensamento de Eliade (1996), quando este diz que o estudo do pensamento simbólico permitiria conhecer no homem uma parte que fundamenta todo o seu devir histórico. Uma parte que não se perde na história e no tempo e é a marca da lembrança de uma existência mais completa e rica. Através de imagens e símbolos, podemos nos deparar com uma possibilidade de reintegração a um estado primordial, um estado anterior à consciência histórica e cindida, reencontrando uma linguagem e experiência de um “paraíso perdido” capaz de projetar o ser humano historicamente condicionado a uma vivência *in illo tempore*.

Considerações finais

Investigando esse processo de “remitologização” da psique, podemos verificar o quanto os processos simbólicos ganharam importância ao ter o seu papel de mediação psíquica revelada através dos estudos da psicologia analítica. Observamos a perenidade das imagens simbólicas que estruturam a nossa psique e jamais desaparecem, podendo até mudar a forma de apresentação, mas com sua função continuando sempre a mesma.

Apesar do intenso processo de desmitologização sofrido pela nossa sociedade ocidental e da degradação do símbolo em signo, consideramos que o mito continua a influenciar a nossa sociedade contemporânea, através de processos psíquicos subjacentes. Concordamos com Morin (1986, p. 145) quando ele diz:

Paradoxalmente, é na sua pretensão a reger e guiar a humanidade que a Razão e a Ciência se vão achar clandestinamente parasitadas pelo mito... Muitos trabalhos de inspirações muito diversas (entre os quais os meus) convergem para sublinhar a presença oculta do mito no âmago do nosso mundo contemporâneo e, mais profundamente, foi desde o século XIX que a filosofia descobriu a importância do mito e interrogou o seu mistério.

O pensamento simbólico precede a linguagem e a razão discursiva, portanto, sua desvalorização implica na desvalorização do inconsciente e da realidade subjetiva da psique. Reduzir uma imagem a uma terminologia concreta é uma mutilação e somente através do estudo das múltiplas significações das imagens é que poderemos redescobrir a mitologia escondida na vida do homem moderno. Como amplificação desse processo, podemos nos utilizar do exemplo do salmão, que nada contra a correnteza e é símbolo da sabedoria na mitologia celta. Nademos, pois, também contra a correnteza, no intuito de redescobrirmos o significado profundo de todas essas imagens e mitos degradados.

Referências

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 5).

GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2003.

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, C. G. (Org.). *O homem e seus símbolos*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 133-205.

JUNG, C. G. *Símbolos da transformação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

KERÉNYI, Karl; HILLMAN, James. *Édipo e variações*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MENARD, R. *Mitologia greco-romana*. São Paulo: Fittipaldi, 1985.

MORIN, Edgar. *O Método III: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Europa-América, 1986.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. *Revista de Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v.16, n. 1, p. 76-82, jun. 2010.

SOUZA, Ana Amália T.; ROCHA, Zeferino J. B. No princípio era o mytho: articulações entre mito, psicanálise e linguagem. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.14, n. 3, p.199-206, dez. 2009.

Data da submissão: 24/01/2014

Data do aceite: 25/04/2014